

Do Pé à Alma: O *Fétiche* do Poder Masculino sobre a Mulher e Suas Representações na Literatura de Senna Fernandes

PEDRO D'ALTE*

RESUMO: Ao examinar a produção estética romanesca de Henrique de Senna Fernandes, e especialmente a sua representação de personagens femininas, este trabalho visa identificar, explicar e contextualizar conflitos enraizados em questões de género. A metodologia adoptada é a da análise literária hermenéutica, influenciada pelos estudos de identidade, de imagologia, de comunicação intercultural, da relação entre literatura e história e também pelo estudo das assimetrias entre géneros. O exercício pretende contribuir para a construção de conhecimento sobre a representação feminina a Oriente; para uma melhor leitura de códigos culturais e históricos; para o estabelecimento de um diálogo entre diferentes espaços e pessoas que se expressam em português; e para o autoconhecimento dos povos.

PALAVRAS-CHAVE: Henrique de Senna Fernandes; Imagologia literária; Assimetrias de género; Literatura de Macau; Literatura em português.

INTRODUÇÃO

A literatura de Henrique de Senna Fernandes exhibe determinados traços técnico-compositivos e temáticos que apresentam, ao leitor, (i) uma mescla entre elementos ficcionais e factuais que logra diluir as fronteiras das disciplinas da literatura e da história; (ii) uma certa predilecção pelo tratamento de temas históricos e sociais; (iii) um modo de narrar que permite constituir a trama como relato etnográfico e fonte documental da cosmovisão da época, assim como

(iv) aceder a verosímeis representações de variados imagótipos masculinos e femininos.¹

Das diferentes possibilidades de análise, o esforço investigativo centra-se na encenação da figura feminina que permanece, a Oriente,² bastante periférica na atenção académica recebida.³ O intuito geral é o de identificar, explicitar e contextualizar episódios de conflito nos quais a oposição radique, sobretudo, em questões de género que, por seu turno, são reveladoras dos jogos de poder nas sociedades

* Pedro d'Alte é pós-doutorando em Estudos Portugueses na Universidade Aberta, Portugal. É membro do Centro de Estudos Globais (CEG-UAb) e colabora, actualmente, com a Universidade Politécnica de Macau.

Pedro d'Alte is a postdoctoral fellow in Portuguese Studies at the Open University, Portugal. He is a member of the Center for Global Studies (CEG-UAb) and is currently collaborating with the Macao Polytechnic University.

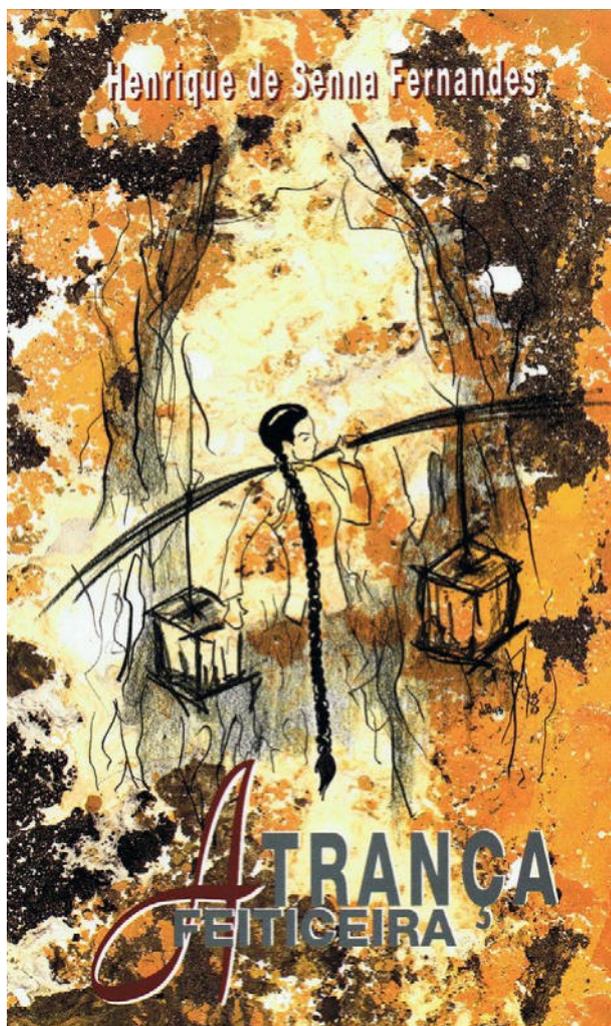


Fig. 1: A capa de *A Trança Feiticeira*, de Henrique de Senna Fernandes. Lisboa: Fundação Oriente, 1994.

patriarcais. Para concretizar tal propósito, cinge-se a análise à produção romanesca do autor que oferece, em oposição ao conto (ainda que, por inúmeras vezes, este seja de tal forma extenso que se aproxime da novela), uma maior profundidade no desenho das personagens, especialmente no que ao ónus psicológico diz respeito. O *corpus* literário constitui-se, portanto, pela narrativa de *A Trança Feiticeira* (2015) e, a espaços, convocam-se *A Noite Desceu em Dezembro* (2015), *Amor e Dedinhos de Pé* (2012) e *Os Dores* (2012). As diegeses destacadas trazem pares altamente contrastantes em termos étnicos

e sociais e a sua leitura permite aceder à encenação de diferentes conflitos entre etnias e géneros. Em termos metodológicos, acentua-se uma análise literária de feição hermenêutica e que se deixa influenciar por estudos de identidade⁴ e de imagologia,⁵ de comunicação intercultural,⁶ pela relação do romance com a história⁷ ou pela análise das assimetrias entre géneros.⁸

É de crer que, (i) para além do importante contributo para a construção de conhecimento sobre a representação feminina a Oriente, o estudo concorra, também, (ii) para uma melhor leitura de códigos culturais e históricos menos presentes num leitor desconhecedor das literaturas e culturas destes lugares; (iii) para o diálogo entre diferentes espaços e gentes que se expressam com recurso à língua portuguesa; (iv) para a autognose de um povo.

1. PÉ E PODER: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O FÉTICHE DE UMA AUTORIDADE SECULAR

Na sua obra de impacto mundial, *O Dicionário de Símbolos*, Chevalier e Gheerbrant revelam que uma das acepções para ‘pé’ tem que ver com o apoio à centralidade e à verticalidade do homem e, daí decorrente, como possibilitador de comando e de liderança, sendo o pé, nesta lógica, um símbolo de poder e de consolidação.⁹ Na China, país onde nasceu Senna Fernandes, manteve-se uma negra prática em relação ao pé e que inviabilizava esta possibilidade.

Um ‘pé lótus dourado’ ou lírio de ouro (*kam-lin*) são termos eufemistas que designam o resultado de um processo que impede o crescimento natural de um pé feminino. Chan descreve o procedimento:

*The foot was first soaked in hot water, then massaged vigorously and rubbed with alum. The four toes were forcibly flexed and pressed medially over and onto the sole of the foot and then strapped down with a bandage two inches wide and ten feet long.*¹⁰

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

Esta prática milenar restringia-se à mulher de classe alta, a única capaz de prescindir da sua mobilidade por desnecessidade de trabalhar ou de obter sustento próprio. Porém, a castração fazia com que ela se movesse frágil e lentamente, como que em pontas dos pés ou, em boa parte dos casos, tivesse de ser carregada.¹¹ De certa forma, na China, ‘atar os pés’ tornou-se um símbolo da subjugação e da subordinação da mulher ao homem, relegando-a para papéis redutores e amplamente circunscritos aos da beleza e da arte, mas também, a funções do agrado do homem.

A existência deste fenómeno corporiza parte da intangibilidade do pensamento de um povo e permite, especialmente a um leitor externo a tal cultura, aceder à ressonância histórica, cultural, antropológica e simbólica do mesmo. Blake sumaria um conjunto de aspectos que devem ser tidos em conta, especialmente na linha de leitura presente neste ponto e que intenta acentuar a assimetria de género, na China. Em primeiro lugar, a prática não se extinguiu após a sua primeira concretização. Antes, requeria um compromisso duradouro, de dor cíclica e renovável, de constante vigilância e apoio, até à entrada na idade adulta ou, mais propriamente, até ao casamento.¹² Em segundo, estamos perante um ritual exclusivamente feminino, tendencialmente perpetrado pela mãe sobre a filha, no qual, pretensamente, se acentua o amor da primeira e a virtude da segunda.¹³ O terceiro ponto tem que ver com a lógica de dominação de género, no qual a mulher vê o seu corpo coisificado e sujeitado à ‘linguagem do homem’ que a domina.¹⁴

Sob este prisma, pode falar-se do *fétiche* do pé como uma marca de devoção e de dedicação feminil, mas, sobretudo, de um ascendente do prazer masculino. Efectivamente, segundo Jorge e Coelho, a questão dos pés deformados bem se pode relacionar com uma perversidade masculina de controlo, ‘um estratagema possivelmente concebido para tolher os movimentos das mulheres da nobreza e da burguesia,

numa altura em que estas começavam a desviar-se dos padrões instituídos, forçando-as a manterem-se no lar e a afastarem-se das questões públicas e dos negócios’.¹⁵ Nesta óptica, a mulher vê-se privada do significado apresentado em *Dicionário de Símbolos*: a possibilidade de verticalidade e de comando. Corroborando, Veblen,¹⁶ no campo social, sumaria o ritual como um processo no qual a mulher sacrifica parte da sua utilidade em troca de *status* num mundo masculino. Na esfera da psicologia, tal é entendido por Freud¹⁷ como um caso de *fétiche*¹⁸ perverso onde se verifica a mutilação feminina e, posteriormente, surge a veneração e o agradecimento masculinos pelo facto de a mulher se ter submetido à castração.¹⁹

A prática enfocada tem suporte da visão cultural e social dominante — e masculina, sobre o papel da mulher no quadro familiar confucionista. A cosmogonia pode ser acedida na popular cantilena chinesa, ‘Si Gan’, inserida na colectânea *Shi Jing* e que personifica a sociedade chinesa, especialmente no que à diferença de género diz respeito. De facto, um dos poemas sugere a diferenciação no tratamento com base no género do nascituro:

*When a son is born
Let him sleep on the bed,
Clothe him with fine clothes,
And give him jade to play with.
[...]
When a daughter is born,
Let her sleep on the ground,
Wrap her in common wrappings,
And give her broken tiles for playthings.²⁰*

A carga pejorativa associada ao nascimento da mulher está altamente infixada, sobretudo nas sociedades rurais, e surge ancorada, entre outros, à ideia de uma assimetria entre a qualidade portentosa do trabalho masculino e o frágil labor feminino. Um outro aspecto que actua em desfavor da mulher é o

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

facto de esta ser considerada como um ente que partirá para a família do marido onde será privada do seu nome de família original.²¹ Neste sentido, deve ser tratada, desde logo, como alguém que não pertence à família de origem. Assim, desde o nascimento, se conjuram os pilares tradicionais da cultura chinesa e da esquematização familiar. Segundo Confúcio, a estrutura familiar é organizada de acordo com dois princípios: 'The superiority of the elder generation over the younger and the superiority of the males over females.'²²

Esta situação, à época do tempo histórico das narrativas, não havia mudado:

*Women's situation had changed little since the seventeenth century. Still bought and sold, living as virtual slaves within their husbands' family compounds, women were excluded from the lineage until they bore a son; they had no voice except to bully their daughters-in-law.*²³

Tal conceptualização produziu e produz, ainda hoje, efeitos nefastos. Li chama a atenção para o fenómeno 'missing girls' que é originado pela política de filho único. Trata-se de uma tendência de generocídio, sobretudo entre crianças dos zero aos cinco anos, concretizada por meio de inúmeras acções: discriminação nutricional em favor do rapaz; cuidados médicos reservados aos elementos masculinos; assassinato e, em anos mais recentes, com recurso à ecografia, a realização de abortos de fetos femininos.²⁴

A produção literária de Henrique de Senna Fernandes absorve estas linhas temáticas, sendo variados os exemplos das assimetrias de género e de diferentes exercícios de poder ocorridos, sobretudo, em Macau. O próximo ponto tentará, pois, apresentar e discutir imagótipos femininos e as situações nas quais se evidenciam usos do poder masculino.

2. DO PÉ À ALMA: O *FÉTICHE* DO PODER MASCULINO SOBRE A MULHER

Em 1996, o cinema de Macau torna-se mais rico com a materialização do romance senniano em filme. Fala-se da obra *A Trança Feiticeira*, adaptada pelo realizador Cai Yuanyuan. No écran, o espectador pode assistir ao enamoramento entre o belo Adozindo, de ascendência portuguesa, representado por Ricardo Carriço, e uma aguadeira de nome A-Leng, chinesa, residente no bairro Cheok Chai Un e interpretada pela belíssima actriz Ning Jing que recebeu prémios pela sua prestação.²⁵ O par possui diferenças sociais, culturais e históricas. Adozindo vive na 'cidade cristã' e é-lhe esperado que assuma tanto os negócios do pai como um casamento lucrativo com Lucrecia. Ao fazê-lo, libertar-se-á de qualquer privação financeira. A-Leng é uma paupérrima aguadeira, mas com enorme rectidão de carácter.

Na adaptação à sétima arte, os pés de A-Leng não recebem atenção cénica. Surgem, inclusivamente, tapados e calçados. É uma curiosa e, decerto, criticável opção porque não faz jus ao poder arquetípico, simbólico e diferenciador do pé, sobejamente convocado pela linguagem literária de Senna Fernandes. Note-se que as descrições romanescas hiperbolizam, pela repetição, a nudez do pé: 'Nunca contemplara uma moça tão atraente, de pé descalço...';²⁶ 'Outra vez enxotado como um cão tihoso. Uma garota de pé descalço, uma criatura abaixo do nível de criada tinha a coragem de enxovalhá-lo...';²⁷ '[A-Leng], magnífica, impondo-se ao respeito, senhora do território, bela, descalça, a trança a serpear como um chicote.'²⁸ e 'O Belo Adozindo, sem o aprumo característico, arrastando a mala pesada, a chinesa atrás, descalça, o *tám-kón* nos ombros...'²⁹

Na obra literária, e infelizmente apenas nela, o pé descalço personifica o próprio hiato cultural, a alteridade, o exotismo. Senão, repare-se no comentário de Adozindo quando adentra no bairro chinês, lugar tão estranho ao espaço cristão e que se centra,

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

precisamente, sobre os pés: ‘Nem lhe faiscou na mente que estava no Cheok Chai Un, num bairro de má fama [...]. Nem que o seu procedimento podia afrontar, por incorrecto e insultuoso. Achava até natural o exame àquele conjunto de mulheres descalças, como a um cenário exótico.’³⁰ Porém, e mais importante do que estes, o pé descalço acentua a antítese e uma antecipação da enorme clivagem entre o par. Leia-se, nesta lógica, o *incipit* romanesco e a primeiríssima descrição de Adozindo: ‘Os sapatos tinham de luzir espelhantes, sem uma mancha de poeira.’³¹

A insistência na manutenção do pé descalço é, por parte de A-Leng, o elemento que melhor sumaria a irreductibilidade e as diferenças culturais entre o casal. Se a passagem — ‘O Natal e o Ano Bom, sem significado para A-Leng, tinham transcorrido como se fossem dias de semana. As saudades da quadra festiva moeram-no a ele duma forma dilacerante com toda a carga de desânimo e de melancolia.’³² — marca a disforia interna de Adozindo; o pé descalço, elemento de força maior, causa a reacção, a exteriorização de desdém e de superioridade. Tal, pode ser percebido na frase derradeira e que mostra a tentativa de ‘colonização’ do outro: ‘Usa, ao menos, os tamancos. Só sabes andar descalça.’³³

Há, nesta moldura, ecos da imagética universal dos contos de fada, muito particularmente, dos irmãos Grimm.³⁴ Na história *Aschenputtel* (Cinderela), a mãe e as irmãs de Cinderela intentam forçar o pé para dentro do sapato minúsculo a fim de conseguirem o casamento com o príncipe. Acreditando que as filhas não precisariam do dedo grande assim que se casassem, pois não teriam mais que se preocupar com questões menores como a mobilidade ou a verticalidade do corpo, a mãe amputa o dedo às filhas e esgrime-lhes o pé para o interior do sapato. O sangue que jorra do sapato denuncia a farsa ao príncipe que regressa à casa e descobre a moça verdadeira. De certa forma, ambas as histórias denunciam o exercício de um poder masculino onde o casamento apenas se revela adequado

com uma mulher capaz de se confinar num ínfimo sapato — metáfora de todos os constrangimentos de uma sociedade patriarcal e, sobretudo, do fetiche perverso pela castração e pela conseqüente adoração como forma de retribuição.

É possível constatar que, no caso demonstrado, existem marcas de outros elementos que concorrem para o reforço do discurso do poder patriarcal e, metaforicamente, do cíclico jogo da castração e da adoração. Fala-se, por exemplo, das assimetrias educacionais. A-Leng era analfabeta. Em contraste, Adozindo teve acesso à educação. Frequenta o Externato do Seminário de S. José, mas fica-se pelo quinto ano que era considerado ‘ao tempo, suficiente’.³⁵ Não tinha aspirações maiores, nem de ir para Hong Kong, Xangai e muito menos Portugal. É um aluno modesto e que encara o futuro com ligeireza, pois acredita que irá herdar a agência do pai e ter rendimentos certos. Apesar desta particularidade de carácter, é indiscutível que Adozindo está mais apto a singrar socialmente e tal não tem que ver com factores exclusivamente linguísticos. No fundo, o par exhibe a grande verdade genérica e que é veiculada no romance *Amor e Dedinhos de Pé*: ‘Ao tempo, a educação das filhas era confiada à mãe que só se preocupava em fazê-las donas de casa prendadas. A verdadeira instrução era só para os homens.’³⁶

Existe, efectivamente, uma demarcação de base educacional, diferenciada pelo género, que se estende à segregação espacial. Ainda que A-Leng exhiba o grau zero da educação formal,³⁷ outros exemplos existem e mostram que, independentemente da instrução, dificilmente a mulher se solta do seu domínio de acção.

Leontina, belíssima heroína da obra *Os Dores*, é resgatada, em Coloane, por uma família de ascendência portuguesa. Primeiramente, é ensinada numa lógica de cumprimento de acções femininas em prol da família de acolhimento: ‘Era usual nas famílias macaenses recolherem-se crianças abandonadas ou enjeitadas, normalmente de etnia chinesa que eram

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

alimentadas e educadas no lar adoptivo, senão como filhas, pelo menos, sempre acima do nível das criadas. A quem se dava educação, em troca de ajudarem nas lides domésticas. Eram as «biches» ou «crioulas», vinculadas moralmente à casa, como parentes pobres.³⁸ Posteriormente, porque caucasiana e pretensamente portuguesa, recebe instrução, aprendendo as primeiras letras e saberes escolares relevantes. Graças à inteligência demonstrada vai progredindo socialmente, assumindo tarefas importantes, por exemplo, no convento. Porém, a personagem nunca chega a desempenhar tarefas originais. Dito de outro modo, cumpre os ofícios da redoma feminina: coser, cozinhar, ensinar. Tal como relembra Seabra, 'Dessa desigualdade da mulher decorria, ainda, um menor acesso a actividades remuneradas [...]. O trabalho feminino era, por isso, mais precário e era, essencialmente, de carácter doméstico, o que lhe era indispensável para a obtenção de estima social e, portanto, de estatuto.'³⁹

Um exemplo significativo diferente é encontrado em Victorina, actante de *Amor e Dedinhos de Pé*. No cortejo feminino das figuras de papel de Senna Fernandes, Victorina é das que recebe melhor educação com o afamado ingresso no Colégio de Santa Rosa de Lima, instituição cuja fama se estendia até Xangai.⁴⁰ É, no entanto, a herança de fortunas que lhe permite a fuga à redoma social, tornando-se proprietária de um estabelecimento. Pois, efectivamente, no quadro social e na literatura de Henrique de Senna Fernandes, o homem ocupa lugares de decisão e de pensamento: o escritório, a sala e, também, espaços físicos além-casa como o local onde exerce o seu ofício. A mulher move-se por lugares supérfluos e herméticos: ocupa-se da cozinha, dos quartos das empregadas e dos afazeres domésticos. É, este, um discurso que acentua a gramática do poder do homem sobre a mulher. De certa forma, a castração metafórica restringe a mobilidade e as tarefas da mulher e, o homem, agradece-lhe o labor, no elogio do aprumo do espaço doméstico, do zelo para com os empregados ou na obra gastronómica.

É igualmente oportuno referir que o esparrilho social ou dito de outra forma, o incumprimento dos códigos vigentes é punitivo, sobretudo, para com a mulher. Exemplificando, quando Adozindo seduz A-Leng, sem que exista um matrimónio entre ambos,⁴¹ o ambiente social de A-Leng remete a chinesa para a periferia, para um espaço de castigo: 'A-Leng [...]. Escutou a saraivada [...] dos insultos, entre os quais, "puta" era o mais insistente. [...] A mais bela moça do Cheok Chai Un, a mais prendada e mais inacessível, nos braços sem escrúpulos dum *kuai-lou* e na sua própria casa [...]. Havia quem, no meio das diatribes, aventasse que o único caminho dela era acabar numa "casa das flores" da Rua da Felicidade.'⁴² Em relação a Adozindo, este escapa, de um modo geral, à crítica social. Conclui-se que, numa situação semelhante, no que diz respeito ao homem, as implicações são morais e pessoais: '[...] confrangia-se todo de vergonha, uma vergonha que acompanhá-lo-ia toda a vida se não a remediasse.'⁴³

Entrecruzando e aproveitando a etimologia do título e o elemento simbólico 'pé' para estabelecer outras possíveis linhas de leitura, importa destacar a relação da palavra '*fétiche*', do latim '*facticius*', com a palavra portuguesa 'feitiço', utilizada pelos portugueses, como gesto de adoração de ornamentos.⁴⁴ Neste âmbito, o título *A Trança Feiticeira* estabelece uma metáfora contígua entre o par com que se iniciou a reflexão (*fétiche/pé*) e (*feiticeira* (feitiço)/cabelo).

De facto, Adozindo surge constantemente enfeitado pelo cabelo, como que em rubro transe: '[...] a fulgurante trança, oscilando dum lado para o outro. Adorava essa trança, sentia as entranhas incendiarem-se quando imaginava acariciá-la, como não acontecia com qualquer outra cabeleira de mulher.'⁴⁵ ou '[...] a trança enlouquecia-o — cegava a razão e a prudência.'⁴⁶

À semelhança da 'colonização do pé', também se verifica a tentativa de apoderamento do cabelo, por Adozindo, como metonímia de uma possessão

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

simbólica de A-Leng: '[Adozindo] apostara na posse do seu corpo e da sua trança.'⁴⁷ Para aceder-se a tal constatação, é necessário o mesmo gesto interpretativo associado ao 'pé'. Isto é, devem manter-se enfocadas as referências ao cabelo e assistir à progressão narrativa que, *per si*, revela a evolução e a gradação do ascendente do poder sobre A-Leng.

Assim, erotismo e desejo evoluem para uma posse efectiva, mas de feição negativa porque o homem se propõe dono da mulher. Este tipo de relação, na qual o elemento masculino começa a desenhar regras e padrões de comportamento aceites, pode ser acedido no seguinte diálogo:

— *Esta trança pode-me render bom dinbeiro. Já mo disseram.*

— *Ficarei muito zangado, se a cortares.*

— *Fá-lo-ei no dia em que deixares de gostar de mim.*

— *Isso será difícil.*⁴⁸

Num momento ulterior, quando da separação do casal, a cena repete-se, mas com maiores contornos de violência contida:

— *[...] Começo por cortar a trança.*

— *Não terás a coragem...*

— *Verás.*

*Desafiava-o, irónica e petulante, à maneira antiga. Ele avançou um passo para ela, mas conteve-se ao olhar para o varapau.*⁴⁹

A mentalidade que legitima a mulher como propriedade encontra raízes em duas sociedades patriarcais: a portuguesa e a chinesa. Portanto, aos olhos dos dois amantes, o comportamento tem suporte cultural. Relembrando, a cultura chinesa admite a transacção da mulher e que a mesma fique sujeita aos desígnios do marido ou do seu comprador. A tónica

relacional sedimentada na posse é, aliás, transversal a variadas narrativas de Senna Fernandes e não é, socialmente, condenada ou reprovada. Para além de *A Trança Feiticeira*, podem seguir-se outros exemplos:

1. O conto 'A-Chan, a Tancareira'⁵⁰ traz à cena uma mulher que é sucessivamente vendida, em criança. Os contornos do enamoramento com o marinheiro Manuel são extremamente influenciados pelo viés cultural. Ao português, a submissão da chinesa opera como traço exótico: 'A-Chan trazia-lhe paz na sua desinteressada dedicação. Chocava-o aquela submissão de fêmea amorosa que nada pedia. Uma calada devoção que o enternecia.'⁵¹ A modelação é de tal forma vincada que A-Chan não rebate a decisão unilateral de Manuel quando este decide levar a filha de ambos para Portugal;
2. O romance *A Noite Desceu em Dezembro* apresenta o par José Pedro Belmares e Vera Dmitrievna (Veruska). A primeira interacção entre ambos assenta, também, no vocábulo 'possuir'. Efectivamente, Belmares paga pela companhia da russa: '[...] foi tudo uma questão de maquia e segredo [...]. Aceite o preço, ela veio e ele recebeu-a no melhor quarto do Hotel Kuok Chai, no Porto Interior.'⁵²

Ainda que as relações possam evoluir favoravelmente, é legítimo admitir que a partir de uma identidade de género construída, se verifica um leque limitado de escolhas pré-dadas pela sociedade.⁵³ Dito de outro modo, 'Women, though assigned different roles to play in society based on sex, are not taught a different value system. It is woman's overall acceptance of the value system of the culture that leads her to passively absorb sexism and willingly assume a pre-determined sex role. [...] they do not conceptualize power differently.'⁵⁴ Neste quadro, a práxis vai legitimando a continuidade dos comportamentos e

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

não a sua rotura.

A falta de execução plena destas atitudes modeladas pela cultura permite um olhar para a emergência de temáticas disruptivas, isto é, para situações nas quais homens e mulheres assumem papéis sociais desalinhados com os padrões de origem. É, precisamente, a este particular que se dará atenção no ponto seguinte.

3. CONSCIÊNCIAS DISRUPTIVAS: A EMERGÊNCIA DE NOVOS MUNDOS

*Aquilo que se constitui, hoje, como formas normais de género e de sexualidade nem sempre foi assim concebido e é um arranjo circunstancial e passível de ser alterado.*⁵⁵

De um modo geral, os seres de papel presentes na literatura de Macau, mais propriamente de Senna Fernandes, de Deolinda da Conceição, de Maria Ondina Braga ou de Rodrigo Leal de Carvalho padecem de uma cicatriz: a da infelicidade interétnica. A insatisfação amorosa tem que ver, invariavelmente, com a falta de superação de clivagens sociais, históricas e culturais entre os amantes.⁵⁶ O casal trazido ao escopo da análise, Adozindo e A-Leng, também se desmorona ante os códigos vigentes e, sobretudo, pela impossibilidade de uma comunicação intercultural eficaz.

Há, porém, uma originalidade em *A Trança Feiticeira* que não se encontra noutros casais sennianos. Fala-se de uma espiral narrativa que exhibe três momentos nucleares: o da destruição, o da redenção e, claro está, o da reconstrução miscigenada.

Para que tal se suceda, Adozindo e A-Leng recomeçam a sua vida numa zona de fronteira, no interstício da 'cidade cristã' e do 'bairro chinês' onde nem o 'pé' nem o 'cabelo' possuem a sua força original. É, pois, um hiato territorial onde as coordenadas sociais externas se aliviam e não fustigam, tanto, os amantes.

Porém, como a narrativa se apressa a fazer saber, ambas as figuras são constructos do seu tempo e da sua cultura. Assim, são eles próprios que, perseguidos por constantes disparidades entre imagens reais e as imagens idealizadas, fazem o seu amor ruir. E o que poderia ser espaço de construção, torna-se lugar de confronto. Aqui, o leitor assistirá à morte de velhas hipóteses: (i) a trança perde o fulgor e o pé mantém-se nu, sinónimo da ausência de amor e da irreconciliabilidade;⁵⁷ (ii) a ideia de posse é destruída por A-Leng que se liberta das concepções orientais e se abeira do amor: 'Fui apenas um objecto de entretenimento dum menino rico, cujo resultado saiu mal. Eu não tinha entendido assim e, portanto, sou culpada da minha ingenuidade.'⁵⁸

A separação entre ambos ocorre e, com ela, emergem linhas temáticas disruptivas ao exhibir a mulher como senhora do seu destino. Na narrativa em apreço, a mulher liberta-se da sua representação redutora e a escrita romanesca surge como antítese e 'crítica à ideologia colonial que reduzia a mulher local, "colonizada", a objecto sexual, a simples depositária da libido do colonizador'.⁵⁹ De facto, nesta trama, A-Leng pode divorciar-se do homem por sua vontade, é detentora de direitos iguais e legitima-se como um ser passível de ser amado⁶⁰: 'Por isso, vou-me embora...';⁶¹ 'Levo metade do dinheiro que nos resta.';⁶² 'Enganei-me quando acreditei que éramos um para o outro. Foi um sonho bonito.';⁶³ 'Caminhou para a porta, muito direita, sobraçando a trouxa, sem mais olhar para ele. Ia descalça.'⁶⁴ Do momento da cisão em diante, tanto Adozindo como A-Leng iniciam a sua reconfiguração individual, solitária e a partir do interior. Ele aceita um trabalho desprestigiante, mas honrado e ela passa a usar os tamancos. '[...] demorou-se nos pés, limpando-os de todas as incrustações de porcaria. Tirou da trouxa os tamancos e calçou-os, [...] nunca mais andaria descalça.'⁶⁵

Estes episódios são fracturantes e demarcam diferenças evolutivas nas personagens ao assinalar

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

a correcção de vícios ou de defeitos que impediam a progressão enquanto casal. Adozindo passa a considerar e a tratar com apreço pessoas oriundas de estratos sociais inferiores e, A-Leng, deixa-se modelar, estando mais disponível para a cultura do outro sem que tal signifique aculturação. Neste particular, a trama de *A Trança Feiticeira* possui, pois, contornos de *Bildungsroman* (romance de formação) no qual a felicidade apenas se permite se as personagens se corrigirem.

Esta propensão para a emergência de novos comportamentos já vinha sendo partilhada com o leitor, como breves pistas para o devir narrativo. Por variadas vezes, Adozindo mostra um comportamento 'feminino' aos olhos da chinesa, especialmente quando a auxilia com a trança: 'Deu-lhe instruções precisas, imensamente honrada. Estava a ser penteada por um homem, pelo seu homem.'⁶⁶ Simbolicamente, em contraste, a aguadeira consegue defender Adozindo numa zaragata: '[...] abriu os olhos e viu uma cena espantosa. A-Leng saltara para o meio da rua com o varapau em riste. O rosto apresentava-se alterado, com um esgar assassino. Lançara o repto. Com um golpe de mestre varou as pernas ao matulão mais em evidência, derrubando-o como um espantalho de vime.'⁶⁷ Verifica-se, nesta moldura, uma inversão de papéis. Adozindo como hábil nas lides do cabelo e A-Leng como destemida nas lutas de rua.

A derradeira superação das clivagens é reservada ao casamento e ao nascimento do filho. Em relação ao primeiro ponto, Adozindo assume A-Leng, com maior força, perante os seus pares e a sua cultura e a aguadeira também aceita o cumprimento dos rituais do noivo, pese embora não os entenda: '[...] os *kuai-lous* eram complicados, com leis e costumes arrevesados.'⁶⁸ O inverso também sucede e o homem anui perante as condições da chinesa: '[...] para A-Leng era o reconhecimento público do seu estado de casada, perante a sua gente. Casara-se com uma chinesa, não se casara? Até lhe ficava bem, indo ao encontro da

sensibilidade dela.'⁶⁹ Ribeiro e Castro⁷⁰ entende como ferramentas da globalização as viagens, as tecnologias da comunicação e o multilinguismo. E, de facto, Adozindo e A-Leng revelam esta capacidade de sair, de viajar além do seu berço original e migrar para uma outra comunidade. No decurso desta deslocação entre espaços e etnias, mostram habilidade de negociar nos códigos culturais do outro. E, mais importante, a necessária disponibilidade para a aprendizagem da relativização cultural como força de superação de conflitos interétnicos: 'Estamos outra vez juntos. Ensina-me como viver contigo e eu ensinar-te-ei como viver comigo.'⁷¹

Em relação ao segundo momento, o nascimento dos filhos, tal configura-se como o marco da superação da diferença e do anulamento das barreiras. São, eles, a prova física, a constituição e a materialização da família interétnica, tão visível na emergência das novas rotinas familiares: caldos à moda chinesa, o hábito do chá, os passeios bucólicos pelos jardins da Gruta de Camões, Mong-Há ou Ilha Verde, e as novas manhãs de domingo que incluíam a visita à Igreja de S. Lázaro.⁷² Felizes e unidos, o casal move-se com nova habilidade social: a capacidade de se imiscuir, com sucesso, nos ambientes chineses e portugueses. O derradeiro sucesso é, pois, o regresso à 'cidade cristá' e a aceitação do casal por parte de todas as facções familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da metáfora da 'colonização' do pé feminino, por parte do homem, o presente exercício intelectual intentou explicitar, tendo por base a obra romanesca de Henrique de Senna Fernandes, alguns exemplos que se revelam como exercício de poder masculino.

Neste âmbito, procurou explicar-se a cosmovisão chinesa quanto ao papel da mulher e as implicações sociais, históricas e culturais daqui decorrentes. A relegação da mulher como elemento

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

passível de ser incluído numa transacção — regradada, modelada e inserida numa sociedade masculina — molda o carácter relacional entre os géneros. A relação passa, pois, a ser entendida numa lógica de poder na qual o homem opera o seu *fétiche* de dominação sobre a mulher. Nos casos de sucesso, a mutilação social — visível na impossibilidade de exercício de poder ou de mobilidade espacial — é recompensada pelo homem que habilita a mulher como receptora de um bom *status* social.

O par romântico Adozindo e A-Leng começa por evidenciar a tónica relacional descrita. O macaense, efectivamente, intenta a posse de A-Leng em gestos

simbólicos como tornar-se dono do cabelo ou calçando o pé da amada, contra a sua vontade.

É, no entanto, curioso notar que, a respeito deste casal, a manutenção dos códigos sociais dominantes acaba por desmoronar o casal e condená-los a momentos de infelicidade. Apenas quando o homem se permite aceitar as reais valências da mulher, aliviando e partilhando o seu próprio poder masculino, é que a felicidade é restituída. Sob este viés, a obra de Henrique de Senna Fernandes permite constituir-se como importante referencial ético para melhores relações entre diferentes géneros e entre diferentes etnias. **RG**

NOTAS

- 1 Sobre a relação entre literatura e a representação da sociedade, ler Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura* (Coimbra: Almedina, 2008), 93–94. Ressalva, precisamente, a capacidade de a literatura contribuir para erigir o imaginário cultural e imagens simbólicas com força arquetípica e antropológica. Assume-se, sob este prisma, a relevância de Henrique de Senna Fernandes dado a sua escrita se caracterizar por uma forte ambiência histórica e cultural e por trazerem figuras femininas, de um modo complexo e profundo, para a diegese, Pedro d'Alte, “Figurações da Mulher na Literatura de Expressão Portuguesa a Oriente: Os Casos de Luís Cardoso e de Senna Fernandes,” *E-Revista de Estudos Interculturais*, n.º 10 (Julho 2022): 1–22.
- 2 Subscreeve-se que o conceito de Oriente, tal como Edward Said bem explanou, porta uma certa indefinição espacial e cultural, ler Edward W. Said, *Orientalismo* (Lisboa: Cotovia, 2004). No entanto, nesta análise, entende-se Oriente como o espaço virtual lusógrafo composto, sobretudo, por escritos sobre ou a partir de Goa, de Macau e de Timor-Leste. Sobre a evolução do Oriente em estudos actuais, ler Catarina Nunes de Almeida, *Pars Orientalis – Estudos sobre Escrita e Viagem* (Lisboa: Documenta, 2022).
- 3 Um projecto pessoal de pós-doutoramento do autor, apresentado à Universidade Aberta, aponta a periferia da mulher, a Oriente, em estudos realizados (seja a mulher encenada ou a própria redactora). Com excepção de escritoras como Deolinda da Conceição, Maria Ondina Braga ou Agustina Bessa-Luís, uma busca por repositórios abertos mostra a escassez de investigações exclusivamente centradas na mulher.
- 4 Emmanuel Levinas, *Totality and Infinity: An Essay on Exteriority*, trad. Alphonso Lingis (Pittsburgh: Duquesne University Press, 1969).
- 5 Maria João Simões, ed., *Imagotipos Literários: Processos de (Des)configuração na Imagologia Literária* (Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2011).
- 6 Martine Abdallah-Pretceille, “Interculturalism as a Paradigm for Thinking about Diversity,” *Intercultural Education* 17, n.º 5 (Dezembro 2006): 475–483.
- 7 György Lukács, *O Romance Histórico*, trad. Rubens Enderle (São Paulo: Boitempo, 2011).
- 8 Ana Maria Correia, *Assimetrias de Género: Ensino e Liderança Educativa* (Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2009).
- 9 Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário de Símbolos* (Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1982), 695–696.
- 10 Lily Mary Veronica Chan, “Foot Binding in Chinese Women and Its Psycho-Social Implications,” *Canadian Psychiatric Association Journal* 15, n.º 2 (Abril 1970): 229.
- 11 Segundo Jorge e Coelho, o fenómeno pode inspirar-se no seguinte: “[...] na época das Cinco Dinastias, quando reinava Li Yu (937–978), da dinastia Tang, a concubina Yao Niang tinha os pés em forma de *crescente de lua nova* e dançava, maravilhosamente, sobre uma flor de lótus doirada, para satisfazer o imperador.” Cecília Jorge e Beltrão Coelho, *A Fénix e o Dragão: Realidade e Mito do Casamento Chinês* (Macau: Instituto Cultural de Macau; Editorial Pública, 1988), 24. É de crer que o processo de ‘atar os pés’ abeirasse a mulher desta icónica figura.
- 12 C. Fred Blake, “Foot-Binding in Neo-Confucian China and the Appropriation of Female Labor,” *Signs* 19, n.º 3 (Primavera 1994): 677.
- 13 Blake, “Foot-Binding,” 677.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

- 14 Dale Spender, *Man Made Language* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980).
- 15 Jorge e Coelho, *A Fénix e o Dragão*, 20.
- 16 Thorstein Veblen, *The Theory of the Leisure Class: An Economic Study of Institutions* (Nova Iorque: Modern Library, 1934).
- 17 Sigmund Freud, “Fetishism,” em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey (Londres: Hogarth Press; Institute of Psycho-Analysis, 1961), XXI: 149–157.
- 18 Importa referir que, inicialmente, o vocábulo ‘fétiche’ possui ligações ao étimo latino ‘facticius’ e que tem a acepção de ‘fazer’ ou, precisamente, de algo ‘criado com arte’.
- 19 Sobre o recolhimento tradicional da mulher e a sua clausura, ler Ivo Carneiro de Sousa, *A Outra Metade do Céu: Escravidão e Orfandade Femininas, Mercado Matrimonial e Elites Mercantis em Macau (Séculos XVI-XVIII)* (Macau: Saint Joseph Academic Press, 2011), 36–50.
- 20 Elisabeth Croll, *Feminism and Socialism in China* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1978), 23.
- 21 Maurice Freedman, *The Study of Chinese Society: Essays*, com introdução de G. William Skinner (Stanford: Stanford University Press, 1979), 235.
- 22 Edward L. Shaughnessy, ed., *China: Empire and Civilization* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2000), 58.
- 23 Marilyn French, *From Eve to Dawn: A History of Women in the World* (Nova Iorque: Feminist Press, 2008), IV: 93–94.
- 24 Shuzhuo Li, “Imbalanced Sex Ratio at Birth and Comprehensive Intervention in China” (comunicação apresentada na 4th Asia Pacific Conference on Reproductive and Sexual Health and Rights, UNFPA — Fundo de População das Nações Unidas, Hyderabad, Outubro 2007). Em décadas mais recentes, Xue Li defende que a política de filho único contribuiu para o aumento de abortos quando o feto é feminino, ler Xue Li, “Why Is the Sex Ratio Unbalanced in China? The Roles of the One-Child Policy, Underdeveloped Social Insurance, and Parental Expectations” (PhD diss., University of Maryland, 2011), 2. Johnson fornece uma perspectiva sobre a tensão emocional que as famílias sentiram na gestão de um segundo bebé no período de ‘um filho único’. Geralmente, as acções compreendiam o abandono, a doação para adopção a outros casais ou a morte das crianças de modo a evitar-se a punição pela lei. Kay Ann Johnson, *China’s Hidden Children: Abandonment, Adoption, and the Human Costs of the One-Child Policy* (Chicago: University of Chicago Press, 2016), 27–56.
- 25 A relação entre ambos é explicitada e analisada, com maior profundidade, em Pedro d’Alte, “Figurações da Mulher na Literatura de Expressão Portuguesa a Oriente: Os Casos de Luís Cardoso e de Senna Fernandes,” *E-Revista de Estudos Interculturais*, n.º 10 (Julho 2022): 1–22.
- 26 Henrique de Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 3.^a ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015), 26.
- 27 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 29.
- 28 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 94.
- 29 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 105.
- 30 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 28–29.
- 31 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 14.
- 32 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 119.
- 33 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 108. Também se pode reconhecer na expressão, um reconhecimento de uma certa razão no fatalismo do pai que não entendia por que o filho caíra por um “rabo de sarangong”, uma aguadeira de *pin*, de mais a mais do Cheok Chai Un de má fama, e que desconhecia sapatos.’ Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 100. Note-se que, mesmo no dia em que Adozindo abandona a casa do pai para começar uma vida a dois com A-Leng, ela esperava-o descalça: ‘A-Leng fitava-o serenamente, nada humilde, a trança atada à pressa, sempre descalça, com dois cestos grandes e chatos presos às cordas...’ Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 101.
- 34 J. L. C. Grimm e W. C. Grimm, *Grimms’ Fairy Tales* (Londres: Collector’s Library, an imprint of CRW Publishing Limited, 2004).
- 35 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 15.
- 36 Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, 5.^a ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012), 30. Sobre as principais diferenças entre a educação reservada aos homens e às mulheres, veiculada pela literatura de Senna Fernandes, ler D’Alte, “Figurações da mulher na literatura,” 1–22.
- 37 O reparo tem que ver com o eventual reconhecimento, pelo leitor, de que A-Leng não está habilitada a singrar numa sociedade cristã dada a ausência de instrução formal. No entanto, a narrativa não é depreciativa quanto a esta figura chinesa. Senão, leia-se: ‘Adozindo, por seu lado, aprendera com A-Leng a apreciar melhor a alma e sensibilidade chinesas, ainda que ficasse aquém do que desejava. Admirava-se que, não tendo nunca ido à escola, mas dotada duma memória prodigiosa, ela compreendesse todo o ritual complicado do teatro tradicional chinês nos seus mais subtis pormenores, os símbolos, as nuances de cenário, a indumentária, a música dos instrumentos nativos.’ Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 179. Infelizmente, nem sempre a luta das mulheres mais pobres ou as suas valências são trazidas para as narrativas de sucesso femininas. Conforme nota Hooks, ‘Poor and working-class women did not become the role models for bourgeois white women because they were not seen by them as exercising forms of power valued in this society. In other words, their exercise of strength was not synonymous with economic power.’ Bell Hooks, *Feminist Theory: From Margin to Center* (Londres: Routledge, 2015), 89.
- 38 Henrique de Senna Fernandes, *Os Dores* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012), 26–27.
- 39 Leonor Diaz de Seabra, “A Mulher na Misericórdia de Macau,” *Administração* 20, n.º 2 (Junho 2007): 606.
- 40 Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, 203.
- 41 No tempo da narrativa, o amor livre era criticado na China:

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

- 'In the late 1920s and 1930s, however, free love was under attack from radical quarters for its bourgeois limitations and from conservative quarters for eroding social morality and the institution of marriage and family. In this period, sexuality came out of the shadow of romantic love and became an acceptable social topic. Nevertheless, more and more voices emerged to condemn free love/free sex as the threat to social mores. Political ideologues called for a total commitment to the nation by subordinating the romantic love to imperative of revolution. The attitudes toward love and sex became conservative and restrictive.' Victor Karandashev, *Romantic Love in Cultural Contexts* (Cham: Springer, 2017), 133.
- 42 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 85–86.
- 43 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 89.
- 44 Roy Ellen, "Fetishism," *Man* 23, n.º 2 (Junho 1988): 214. Segundo o autor: 'The earliest English forms of the word (O.E.D. (iv) 1933: 176) are directly adopted from the Portuguese *feitico* (used in Portugal itself to refer to amulets and the relics of saints). The Portuguese extended its application to certain objects venerated by inhabitants of the Guinea coast, and it was through this channel that it entered scholarly dogmatism...'
- 45 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 38.
- 46 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 45.
- 47 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 48.
- 48 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 64.
- 49 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 122.
- 50 O conto é bastante célere a explicar a origem da menina: criança de seis anos, que devido a um ano de seca extrema é vendida pelos pais. Depois, é consequentemente transaccionada até chegar 'às mãos' de uma velha tancareira que lhe ensinará, pela força e pelos modos, o ofício. Henrique de Senna Fernandes, *Nam Van: Contos de Macau*, 2.^a ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997), 9. Apesar de violento, este era um negócio comum e, nos casos de pauperismo irreconciliável, a derradeira decisão de venda de uma menina encontra-se, conforme se observou, suportada culturalmente. Escreve Seabra, sobre o tópico em apreço, o seguinte: 'Como o infanticídio feminino era uma prática corrente na China, muitos chineses, pressionados pela miséria, em vez de matarem as suas filhas, vendiam-nas aos portugueses. Outros, roubavam-nas ou compravam-nas aos seus conterrâneos para as revenderem em Macau. [...] As escravas chinesas eram, geralmente, raptadas quando crianças, por traficantes locais, ou vendidas pelos próprios pais, podendo as mesmas ser libertadas por alguém que as quisesse levar para suas casas como concubinas.' Seabra, "A Mulher na Misericórdia de Macau," 612–613. O processo também é descrito, em detalhe, em Henrique de Senna Fernandes, *A Noite Desceu em Dezembro* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015), 338. O romance partilha que as moças são adquiridas, muito jovens, por uma matrona. Para celebrar o acto, assina-se um contrato — o mái-san. Neste momento, a menina fica a pertencer à 'abadessa' que a explora, numa situação praticamente de escrava. Progressivamente, as jovens são iniciadas na prostituição e na arte de bem agradar aos homens.
- 51 Senna Fernandes, *Nam Van*, 14.
- 52 Senna Fernandes, *A Noite Desceu em Dezembro*, 48.
- 53 Ana Maria Correia, *Assimetrias de Género: Ensino e Liderança Educativa* (Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2009), 31.
- 54 Hooks, *Feminist Theory*, 87.
- 55 Guacira Lopes Louro, *Currículo, Género e Sexualidade* (Porto: Porto Editora, 2000), 40.
- 56 Pedro d'Alte, "Luís Cardoso e Senna Fernandes: Um Possível Diálogo de Aproximação," *Afluentes: Revista de Letras e Linguística* 5, n.º 16 (2020): 93–111; Pedro d'Alte, "Figurações da Mulher nos Contos Macaenses de Conceição, Ondina Braga e Senna Fernandes," *Asas da Palavra* 18, n.º 2 (2021): 20–36.
- 57 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 120.
- 58 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 121.
- 59 José Carlos Venâncio, "A Literatura Macaense e a Obra de Henrique de Senna Fernandes: Um Olhar Histórico-Sociológico," *Revista de História das Ideias* 29 (2008): 696.
- 60 A escritora Jung Chang debruça-se sobre a cosmovisão em apreço: 'Um dia quando tinha seis anos, o tio convidou para jantar um amigo cuja mulher estava grávida. E, enquanto comiam, os dois homens combinaram que, se a criança fosse um rapaz, casaria com a sobrinha do dono da casa. Os dois jovens nunca se viram um ao outro antes do casamento. Na realidade, apaixonar-se era considerado quase vergonhoso, uma desgraça para a família. [...] os jovens não deviam supostamente ser expostos a situações em que tal coisa pudesse acontecer, em parte porque era imoral encontrarem-se, em parte porque o casamento era visto acima de tudo como um dever, um arranjo entre duas famílias. Com sorte, podiam apaixonar-se depois.' Jung Chang, *Cisnes Selvagens: Três Filhas da China* (Lisboa: Quetzal Editores, 2020), 24.
- 61 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 121.
- 62 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 121.
- 63 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 121.
- 64 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 122.
- 65 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 130.
- 66 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 63.
- 67 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 93–94.
- 68 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 152.
- 69 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 157.
- 70 José Ribeiro e Castro, "Português e Mandarim: As Línguas Portuguesa e Chinesa como Línguas Globais," em *China e Portugal: Cinco Centúrias de Relacionamento: Uma Leitura Académica*, ed. Roberto Carneiro e Guilherme d'Oliveira Martins (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014), 99–116.
- 71 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 145.
- 72 Senna Fernandes, *A Trança Feiticeira*, 175.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

BIBLIOGRAFIA

- Abdallah-Pretceille, Martine. "Interculturalism as a Paradigm for Thinking about Diversity." *Intercultural Education* 17, n.º 5 (Dezembro 2006): 475–483.
- Almeida, Catarina Nunes de. *Pars Orientalis – Estudos sobre Escrita e Viagem*. Lisboa: Documenta, 2022.
- Blake, C. Fred. "Foot-Binding in Neo-Confucian China and the Appropriation of Female Labor." *Signs* 19, n.º 3 (Primavera 1994): 676–712.
- Castro, José Ribeiro e. "Português e Mandarim: As Línguas Portuguesa e Chinesa como Línguas Globais." Em *China e Portugal: Cinco Centúrias de Relacionamento: Uma Leitura Académica*, editado por Roberto Carneiro e Guilherme d'Oliveira Martins, 99–116. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014.
- Chan, Lily Mary Veronica. "Foot Binding in Chinese Women and Its Psycho-Social Implications." *Canadian Psychiatric Association Journal* 15, n.º 2 (Abril 1970): 229–232.
- Chang, Jung. *Cisnes Selvagens: Três Filhas da China*. Lisboa: Quetzal Editores, 2020.
- Chevalier, Jean, e Alain Gheerbrant. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1982.
- Correia, Ana Maria. *Assimetrias de Género: Ensino e Liderança Educativa*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2009.
- Croll, Elisabeth. *Feminism and Socialism in China*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1978.
- D'Alte, Pedro. "Figurações da Mulher na Literatura de Expressão Portuguesa a Oriente: Os Casos de Luís Cardoso e de Senna Fernandes." *E-Revista de Estudos Interculturais*, n.º 10 (Julho 2022): 1–22.
- _____. "Figurações da Mulher nos Contos Macaenses de Conceição, Ondina Braga e Senna Fernandes." *Asas da Palavra* 18, n.º 2 (2021): 20–36.
- _____. "Luís Cardoso e Senna Fernandes: Um Possível Diálogo de Aproximação." *Afluente: Revista de Letras e Linguística* 5, n.º 16 (2020): 93–111.
- _____. "A Mulher e a Guerra do Pacífico. Leituras da Representação Feminina nas Obras de Luís Cardoso e de Rodrigo Leal de Carvalho." *Rascunhos Culturais* 13, n.º 26 (2022): 154–186.
- Ellen, Roy. "Fetishism." *Man* 23, n.º 2 (Junho 1988): 213–235.
- Freedman, Maurice. *The Study of Chinese Society: Essays*. Com introdução de G. William Skinner. Stanford: Stanford University Press, 1979.
- French, Marilyn. *From Eve to Dawn: A History of Women in the World*. Vol. IV, Revolutions and the Struggles for Justice in the 20th Century. Nova Iorque: Feminist Press, 2008.
- Freud, Sigmund. "Fetishism." Em (1927–1931), ed. James Strachey, 149–157. Vol. XXI de *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: Hogarth Press; Institute of Psycho-Analysis, 1961.
- Grimm, J. L. C., e W. C. Grimm. *Grimms' Fairy Tales*. Londres: Collector's Library, an imprint of CRW Publishing Limited, 2004.
- Hooks, Bell. *Feminist Theory: From Margin to Center*. Londres: Routledge, 2015.
- Johnson, Kay Ann. *China's Hidden Children: Abandonment, Adoption, and the Human Costs of the One-Child Policy*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.
- Jorge, Cecília, e Beltrão Coelho. *A Fénix e o Dragão: Realidade e Mito do Casamento Chinês*. Macau: Instituto Cultural de Macau; Editorial Pública, 1988.
- Karandashev, Victor. *Romantic Love in Cultural Contexts*. Cham: Springer, 2017.
- Levinas, Emmanuel. *Totality and Infinity: An Essay on Exteriority*. Traduzido por Alphonso Lingis. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1969.
- Li, Shuzhuo. "Imbalanced Sex Ratio at Birth and Comprehensive Intervention in China." Comunicação apresentada na 4th Asia Pacific Conference on Reproductive and Sexual Health and Rights, UNFPA — Fundo de População das Nações Unidas, Hyderabad, Outubro 2007.
- Li, Xue. "Why Is the Sex Ratio Unbalanced in China? The Roles of the One-Child Policy, Underdeveloped Social Insurance, and Parental Expectations." PhD diss., University of Maryland, 2011.
- Louro, Guacira Lopes. *Currículo, Género e Sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.
- Lukács, György. *O Romance Histórico*. Traduzido por Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- Pina-Cabral, João de. *Between China and Europe: Person, Culture and Emotion in Macao*. Londres: Continuum, 2002.
- Reis, Carlos. *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina, 2008.
- Said, Edward W. *Orientalismo*. Lisboa: Cotovia, 2004.
- Seabra, Leonor Diaz de. "A Mulher na Misericórdia de Macau." *Administração* 20, n.º 2 (Junho 2007): 605–617.
- Senna Fernandes, Henrique de. *Amor e Dedinhos de Pé*. 5.^a ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012.
- _____. *Os Dores*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012.
- _____. *Nam Van: Contos de Macau*. 2.^a ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.
- _____. *A Noite Desceu em Dezembro*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015.
- _____. *A Trança Feiticeira*. 3.^a ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015.
- Shaughnessy, Edward L., ed. *China: Empire and Civilization*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2000.
- Simões, Maria João, ed. *Imagotipos Literários: Processos de (Des) configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2011.
- Sousa, Ivo Carneiro de. *A Outra Metade do Céu: Escravidão e Orfanade Femininas, Mercado Matrimonial e Elites Mercantis em Macau (Séculos XVI-XVIII)*. Macau: Saint

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

Joseph Academic Press, 2011.

Spender, Dale. *Man Made Language*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.

Veblen, Thorstein. *The Theory of the Leisure Class: An Economic Study*

of Institutions. Nova Iorque: Modern Library, 1934.

Venâncio, José Carlos. "A Literatura Macaense e a Obra de Henrique de Senna Fernandes: Um Olhar Histórico-Sociológico." *Revista de História das Ideias* 29 (2008): 691–702.



Henrique de Senna Fernandes com a esposa Ho Heong Sut (Teresa) e amigos numa ocasião de convívio. Arquivo de família Senna Fernandes.